

RiMe

**Rivista dell'Istituto
di Storia dell'Europa Mediterranea**

ISSN 2035-794X

numero 6, giugno 2011

**Il signore Alfonso Bovero:
um anatomista ilustre na terra dos bandeirantes,
São Paulo 1914-1937**

André Mota

Direzione

Luciano GALLINARI, Antonella EMINA (Direttore responsabile)

Responsabili di redazione

Grazia BIORCI, Maria Giuseppina MELONI, Patrizia SPINATO BRUSCHI,
Isabella Maria ZOPPI

Responsabile di redazione per il Dossier "Italia e Argentina: due Paesi uno specchio"

Francesca Mazzuzi

Comitato di redazione

Grazia BIORCI, Maria Eugenia CAEDDU, Monica CINI, Alessandra CIOPPI,
Yvonne FRACASSETTI, Raoudha GUEMARA, Maurizio LUPO, Alberto MARTINENGO,
Maria Grazia Rosaria MELE, Sebastiana NOCCO, Riccardo REGIS,
Giovanni SERRELI, Luisa SPAGNOLI

Comitato scientifico

Luis ADÃO da FONSECA, Sergio BELARDINELLI, Michele BRONDINO, Lucio CARACCILO,
Dino COFRANDESCO, Daniela COLI, Miguel Ángel DE BUNES IBARRA, Antonio DONNO,
Giorgio ISRAEL, Ada LONNI, Massimo MIGLIO, Anna Paola MOSSETTO, Michela NACCI,
Emilia PERASSI, Adeline RUCQUOI, Flocel SABATÉ CURULL, Gianni VATTIMO,
Cristina VERA DE FLACHS, Sergio ZOPPI

Comitato di lettura

In accordo con i membri del Comitato scientifico, la Direzione di RiMe sottopone a *referee*, in forma anonima, tutti i contributi ricevuti per la pubblicazione

Responsabile del sito

Corrado LATTINI

[Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea](#): Luca CODIGNOLA BO (Direttore)

RiMe – Rivista dell'Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea (<http://rime.to.cnr.it>)
c/o ISEM-CNR - Via S. Ottavio, 20 - 10124 TORINO (Italia)
Telefono 011 670 3790 / 9745 - Fax 011 812 43 59
Segreteria: segreteria.rime@isem.cnr.it
Redazione: redazione.rime@isem.cnr.it (invio contributi)

Indice

Giovanni Sini	
<i>Alcune note sul Parlamento del Principato di Catalogna tenuto nel 1416</i>	7-24
Bruno Pierri	
<i>Anglo-American Energy Talks and the Oil Revolution, 1968-1972</i>	25-44
Matteo Binasco	
<i>Migrazioni nel mondo mediterraneo durante l'età moderna. Il case-study storiografico italiano</i>	45-113

Dossier

Italia e Argentina: due Paesi, uno specchio

(a cura di Luciano Gallinari)

In ricordo di un amico: Glauco Brigati

Luciano Gallinari	
<i>Introduzione</i>	119-122
Roberto Porrà	
<i>Puerto de Nuestra Señora Santa María del Buen Aire</i>	123-136
Carlos Cacciavillani	
<i>L'architettura dell'emigrazione italiana in Argentina</i>	137-167
Silvana Serafin	
<i>La literatura migrante en la formación de la conciencia nacional argentina</i>	169-188
Liliana H. Zuntini	
<i>Edmundo De Amicis. Con los "ojos de la mente"</i>	189-222
Ilaria Magnani	
<i>Giacumina e Marianina. La rappresentazione dell'immi-grazione italiana in Argentina in due romanzi popolari di fine '800</i>	223-239
Mara Imbrogno	
<i>Prostitute e anarchici italiani nella letteratura argentina del XX e XXI secolo</i>	241-263
Irina Bajini	
<i>Arriva un bastimento carico di artisti. Sulle tracce della cultura italiana nella Buenos Aires del Centenario</i>	265-286

Indice

Rocío Luque	
<i>El vuelo entre dos orillas de El rojo Uccello de Delfina Muschiatti</i>	285-295
Isabel Manachino – Norma Dolores Riquelme	
<i>Mujeres vistas por mujeres. Italianas y argentinas a principios del siglo XX</i>	297-319
María Cristina Vera de Flachs - Hebe Viglione	
<i>Empresas y empresarios italianos de la Región Centro de la Argentina en el tránsito del XIX al XX</i>	321-351
André Mota	
<i>Il signore Alfonso Bovero: um anatomista illustre na terra dos bandeirantes, São Paulo 1914-1937</i>	353-373
Antonio Sillau Pérez	
<i>Nacionalidad y Catolicismo. El desarrollo de una idea de nación en el contexto de la producción intelectual del Instituto Santo Tomas de Aquino en Córdoba - Argentina (1930-1943)</i>	375-412
Luis O. Cortese	
<i>El Fascismo en el Club Italiano. Buenos Aires (1922-1945)</i>	413-446
Martino Contu	
<i>L'antifascismo italiano in Argentina tra la fine degli anni Venti e i primi anni Trenta del Novecento. Il caso degli antifascisti sardi e della Lega Sarda d'Azione "Sardegna Avanti"</i>	447-502
Eugenia Scarzanella	
<i>Un'industria "ultra leggera": l'Editorial Abril tra l'Argentina e l'Italia (1941-1957).</i>	503-523
Roberta Murrone	
<i>«Era come fossimo in carcere, così me ne sono andato in argentina»: storie di un minatore di Carbonia emigrato in Argentina nel secondo dopoguerra</i>	525-533
Camilla Cattarulla	
<i>Non solo Mondiali di calcio: Giovanni Arpino in Argentina nel 1978</i>	535-551
Paola Cecchini	
<i>L'Argentina nelle Marche tra passato e presente</i>	553-565
Celina A. Lértora Mendoza	
<i>Relaciones entre CNR (Italia) y CONICET (Argentina). Notas para una historia</i>	567-609

Lucia Capuzzi	611-624
<i>Bicentenario: quel che resta della fiesta</i>	
Marzia Rosti	625-644
<i>Gli argentini in Italia e il Bicentenario dell'indipendenza argentina</i>	
Maria Eugenia Cruset	645-659
<i>Diáspora y sociedad de acogida. El voto de los italianos en Argentina a través de la prensa</i>	
María Inés Rodríguez Aguilar	661-685
<i>El campo migratorio argentino, su especificidad y el abordaje teórico-metodológico del género</i>	
Odair da Cruz Paiva	687-704
<i>Territórios da migração na cidade de São Paulo: afirmação, negação e ocultamentos</i>	
Luciano Gallinari	705-752
<i>I rapporti tra l'Italia e l'Argentina nella stampa dei due Paesi all'inizio del terzo millennio (2000-2011)</i>	
Stefania Bocconi - Francesca Dagnino - Luciano Gallinari	753-771
<i>Approfondimento storico e nuove tecnologie: il laboratorio didattico "Noi e gli Altri"</i>	

Focus

Tunisia, terra del gelsomino (a cura di Antonella Emina)

Antonella Emina	775-776
<i>Tunisia, terra del gelsomino</i>	
Nadir Mohamed Aziza	777-783
<i>La cendre et le jasmin / La cenere e il gelsomino</i>	
Francesco Atzeni	785-810
<i>Italia e Africa del Nord nell'Ottocento</i>	
Yvonne Fracassetti Brondino	811-823
<i>Cesare Luccio, scrittore italiano in Tunisia tra colonizzatori e colonizzati</i>	
Alya Mlaiki	825-836
<i>Mr. President, Facebook is watching you! Révolution 2.0: l'exemple tunisien</i>	

***Il signore Alfonso Bovero:
um anatomista ilustre na terra dos bandeirantes,
São Paulo 1914-1937***

André Mota

Introdução

Acompanhamos aqui a presença do médico e anatomista italiano Alfonso Bovero (1871-1937), a partir de sua chegada a São Paulo, em 1914, e sua trajetória médica e intelectual na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Igualmente, buscamos indícios que recomponham sua partida de volta a Turim em 1937, quando veio a falecer, e a forma pela qual sua memória foi sendo erguida nas décadas seguintes, sobretudo pela elite médica formada na Faculdade de Medicina. Em suma, pretende-se seguir um determinado homem no tempo e, mesmo que a intenção não seja a de apenas construir sua "história de vida", a pesquisa passará necessariamente por sua biografia¹.

O recurso à observação do campo biográfico pretende capturar como certos mitos de origem passam a ser "criados" e introduzidos na memória de um biografado. Para isso:

(...) o significado de uma vida nunca é unívoco, só pode declinar-se no plural, não apenas pelo fato das mudanças que a atravessia do tempo implica, mas também pela importância a conceder à recepção do biografado e de sua obra é correlativa do momento considerado e do meio que deles se apropria².

Nesse sentido, o tratamento metodológico da documentação pesquisada deve, por um lado, levantar, ordenar e interpretar suas informações, dando ao objeto histórico um direcionamento lógico, e, por outro, atentar ao risco de se produzir uma narrativa histórica «fundante, atemporal e totalizante». Para isso, a história deve ser

¹ Vavy Pacheco BORGES, "O 'eu' e o 'outro' na relação biográfica: algumas reflexões", in Márcia NAXARA - Izabel MARSON - Marion BREPOHL (orgs.), *Figurações do outro na história*, Uberlândia, Edufu, 2009.

² François DOSSE, *O desafio biográfico: escrever uma vida*, trad. Gilson C.C. SOUZA, São Paulo, Edusp, 2009, p. 375.

pensada como um agrupamento lógico de indícios, de sinais advindos de uma realidade opaca, mas com zonas privilegiadas que permitem decifrá-la³. Como um vaso quebrado que nunca mais voltará a sua forma original, o fazer histórico é capaz de reagrupar as partes a partir de uma lógica histórica.

Primeiros indícios: a formação médica de Alfonso Bovero na Itália do século XIX

O século XIX marcaria o espaço italiano pela constituição de um Estado-nação que buscava ser estabelecido, a partir de sua unificação. Das movimentações de grupos diversos, dentro e fora do país, como a ação de um governo central que buscava abarcar as regiões consideradas atrasadas economicamente, introduzindo elementos de coesão, como a educação, a língua nacional e uma legislação que abrangesse todo o "território nacional", o certo é que foram esforços tênues, apontando para uma Itália diversa e um espaço cindido, entre norte e sul, o mundo urbano e rural⁴. Foi nesse contexto que Alfonso Bovero nasceu em 26 de novembro de 1871, na piemontesa de Pezzeto Torinese, tendo seu pai sido um médico *condotto*:

(...) médico viajante a que o Estado paga uma quantia mínima para que se encarregue da saúde de milhares de operários campestres, numa determinada zona do interior do país. Naquela região, que Bovero chamaria depois de *natio borgo selvaggio*, passando a vida, a viajar dum canto para outro, no recesso das matas, na profilaxia de campanha e no tratamento sem recursos dos humildes quase abandonado⁵.

Escolhendo a mesma profissão que o pai, formou-se em medicina e cirurgia pela Universidade de Turim em 1895. Durante o período de formação, logo se afeiçoou à anatomia. Nesse momento, em Turim, regia a cátedra de anatomia Carlo Giacomini, de quem Bovero de aproximou e com quem, acabou desenvolvendo seus primeiros

³ Carlo GINZBURG, *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*, trad. Federico Carotti, São Paulo, Companhia das Letras, 1989².

⁴ Indro MONTANELLI, *L'Italia del Risorgimento 1831-1861*, Milano, BUR, 2004⁹. João Fábio BERTONHA, *Italianos*, São Paulo, Contexto, 2008.

⁵ Luiz Carvalho Tavares da SILVA, "In memoriam de Alfonso Bovero", Discurso proferido na Sociedade Acadêmica de Estudos Anatômicos Benjamin Batista, Recife, 1943, p. 3.

estudos morfológicos. Segundo consta, muitas foram suas contribuições na área morfológica humana e comparada, especialmente no campo da neurologia e na técnica anatômica. As aulas do prof. Giacomini eram eventos educacionais, científicos e também sociais, uma vez que atraíam a elite da aristocracia turinesa, eram sempre lotadas, com estudantes sentados nos degraus da escada, o que obrigava o professor a levar uma banquetta do laboratório para se sentar na primeira fila⁶.

Em 1895, pela qualidade de seus trabalhos científicos, obteve o prêmio Reviglio, da Real Academia de Medicina de Turim. Em 1897, fez curso de histologia e embriologia, com Hertwig, e de anatomia, com Waldeyer, em Berlim. Chegou à cátedra de anatomia e fisiologia no Instituto Superior de Magistério para Educação Física e, em 1902, por concurso de títulos, tornou-se livre-docente em anatomia normal, descritiva e topográfica na Universidade de Turim. Entre 1909 e 1910, regeu a cátedra de anatomia da Universidade de Cagliari⁷.

Em sua relevante produção, alguns trabalhos indicam como se deveria conceber a chamada anatomia racial:

(...) a primeira publicação é relativa a um caso, então único na literatura, de "Persistenza della vescicola ombelicale e della circolazione onfalo-mesenterica nel feto una a termine" [1895], observado e estudado com injeção das artérias umbilicais, seguindo-se logo depois uma nota sobre anomalias musculares também raras. O seu trabalho "Intorno ai muscoli digastrici dell'osso joide" [1895] representa sua tese de doutoramento. Em rico material humano e de outros mamíferos, estuda os dois ventres do músculo, seu tendão intermediário nas suas relações com a glândula submaxilar e com o *m. stylohyoideu*, com o osso *hyoide* e *aponevrose suprahyoidea*. Esse trabalho, elaborado quando ainda estudante, valeu-lhe o prêmio de 1895 da Real Academia de Medicina de Turim. Não menos minucioso é o outro trabalho seu campo da Myologia, "Sui muscoli Tibialis anterior ed Extensor hallucis longus" [1897]. Nas suas "Ricerche morfologiche sul Musculus cutâneo-mucosus labii" [1899], expõe os resultados de uma copiosa série de pesquisas sobre o sistema de fibras musculares que no lábio unem a cute à mucosa, propondo a denominação supra, aceita pelos Tratadistas. Formam uma verdadeira série os seus trabalhos sobre craneologia e craneogênese, envolvendo sempre, como era sua predileção

⁶ Liberato J.A. DI DIO, "La scuola anatômica di Alfonso Bovero", conferenza fatta al 38^o Convegno Nazionale della Società Italiana di Anatomia, Roma, 1982, p. 17.

⁷ Professor Alfonso Bovero: homenagem da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de medicina da Universidade de São Paulo, 1932, p. 7.

particular, a anatomia comparativa e étnica⁸.

Médicos italianos e a criação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo

Segundo Salles, há que fazer uma distinção importante para compreender a chegada dos médicos italianos a São Paulo no período tratado aqui. Ainda na década de 1880, a introdução de uma séria de mudanças no campo da saúde pública determinou a vinda dos primeiros profissionais, aliada, naturalmente, ao processo migratório italiano. Desse grupo, podemos citar médicos como Gofredo Pignatari, Carlo Comenale, Gaetano Comenale, Felice Buscaglia, Francisco Pignatari e Jeronymo De Cunto, entre outros⁹. Essa época estava marcada por constantes surtos epidêmicos, no interior e na capital paulista, aliados à necessidade de cuidados médicos aos imigrantes, que muitas vezes sucumbiam antes mesmo de chegar às novas terras. Nesse sentido, a primeira leva de médicos italianos preocupou-se com essa questão, criando casas de saúde, clínicas e hospitais e se integrando à Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, que cumpria um relevante papel no atendimento a doentes pobres, com a fundação da Policlínica, na capital, que, além disso, distribuía remédios gratuitamente¹⁰.

Nesse contexto, foi fundada, em 20 de janeiro de 1878, a Sociedade Italiana de Beneficência e do Hospital Umberto I, cujo estatuto instituía formas de contribuição dos sócios fundadores, perpétuos e contribuintes, bem como a busca de recursos para a construção de um hospital. Em 1901, com o estabelecimento do Fundo de Emigração pelo governo italiano, uma ajuda financeira de 350 contos de réis, acrescida de uma subvenção a ser obtida do governo brasileiro, em função de um acordo entre os dois países assinado em 19 de novembro de 1896, previa ajuda a empreendimentos que visassem melhorar a assistência ao imigrante. Assim, a Sociedade Italiana de Beneficência em São Paulo inaugurou seu hospital em 1905. Nesses termos, a Fundação Umberto I em São Paulo significou, de um lado, a possibilidade do agrupamento de diversos médicos italianos e o desenvolvimento da imigração médica

⁸ Renato LOCCHI, "Alfonso Bovero, anatômico", in *Resenha clínico-científica do Instituto Biochimico Ítalo-Brasileiro Ltda.*, anno VI, n. 5, 1937, pp. 302-304.

⁹ Maria do Rosário Rolfsen SALLES, *Médicos italianos em São Paulo*, São Paulo, Sumaré/Fapesp, 1997, p. 55.

¹⁰ *Ibi*, p. 64.

e, de outro, a alavanca para seu desenvolvimento posterior como grupo e a base de sua viabilização¹¹.

Mas, se essa primeira leva de médicos podia ser identificada num certo plano imigratório italiano e brasileiro, nas décadas seguintes (1910-1920), chegava outro grupo de médicos italianos, que:

(...) [por] fatores nascidos de intervenções como a dinâmica do fluxo imigratório geral, as crises de superprodução, a queda dos preços internacionais de café, ou mesmo a política imigratória do governo italiano, tendo impacto diferente sobre a imigração médica subsequente¹².

Talvez possamos acrescentar a necessidade de se constituir uma escola médica em solo paulista também a partir da experiência de outros países. Bovero veio a convite do médico paulista Arnaldo Vieira de Carvalho, que, por seu lastro médico-acadêmico e pelos conhecimentos a serem implementados no campo da anatomia e depois da histologia, via nele um importante pilar da instituição¹³.

Desde 1891, a legislação do Estado de São Paulo aprovava a formação de uma faculdade oficial de medicina. A Lei Estadual nº 19, sancionada pelo dr. Américo Brasiliense de Almeida Mello, determinou a criação de uma escola médica em São Paulo chamada Academia de Medicina e Farmácia. Finalmente, em 19 de dezembro de 1912, criava-se a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Quanto à rápida aprovação e fundação da faculdade oficial em 1912, devemos nos remeter à política estadual, aos desacordos surgidos desde o governo de Américo Brasiliense, a seu apoio a Deodoro da Fonseca, à conciliação em torno do então presidente do Estado, Rodrigues Alves, que procurou aglutinar as correntes divergentes do PRP a fim de garantir, entre outros pontos, saldo positivo para as eleições de 1913. Nesse contexto, a escola médica estatal teria sido fruto de barganha sua,

visando promover a pacificação interna da classe dominante, buscar apoio da classe média e neutralizar simultaneamente o movimento das classes populares; a harmonia deveria ser ostentada¹⁴.

¹¹ *Ibi*, pp. 79-80.

¹² *Ibi*, p. 80.

¹³ Carlos da Silva LACAZ, *Médicos italianos em São Paulo: trajetória em busca de uma nova pátria*, São Paulo, Aquarela, 1989.

¹⁴ Elza NADAI, *Ideologia do progresso e ensino superior: São Paulo 1891-1934*, São Paulo, Loyola, 1987, p. 276.

Com essas determinações, os médicos que apoiavam, ou passaram a apoiar a faculdade estatal diziam ter todos os recursos humanos necessários, que viriam da Santa Casa de Misericórdia ou da Sociedade de Medicina e Cirurgia, lugares que reuniam os grandes nomes da medicina paulista e brasileira. Se outros nomes houvesse, seriam do exterior – não de outras faculdades e, principalmente, não da de Farmácia. Assim, o primeiro regulamento foi redigido em 7 de janeiro de 1913, e o zás-trás da implantação de medidas criadas em 1891 mereceu inúmeros apontamentos em estudos historiográficos.

A escola médica estatal organizaria seus cursos e indicaria professores dentro de uma proposta de modernização, voltada à pesquisa laboratorial, havendo um curso preliminar de um ano e mais outro geral de cinco anos, com um total de 28 cadeiras, estando todos de acordo com as normas legais, oferecendo, em suas divisões, duas cadeiras que não existiam nas cláusulas federais: as clínicas oftalmológica e otorrinolaringológica. As aulas começariam em 15 de março e se encerrariam em 10 de novembro de cada ano, sendo permitida a entrada de ambos os sexos, com a exigência de diploma conferido pelos ginásios oficiais do Estado ou de aprovação em exame de admissão¹⁵.

O diligente diretor da nova instituição, o médico Arnaldo Vieira de Carvalho, protagonizaria a instauração e o aperfeiçoamento do ensino médico paulista e teria relevância singular nos encaminhamentos cotidianos da Faculdade. Segundo sua orientação, o ensino deveria ter base científica e experimental, com destaque para a pesquisa e os estudos laboratoriais, em contraposição ao modelo que predominava nas outras faculdades de medicina do país, com aulas teóricas e ênfase na clínica¹⁶.

Para a consecução desse projeto, São Paulo deveria dispor de um aparato físico e intelectual correspondente a essas exigências, com prédios e laboratórios, alunos com preparo escolar à altura dos exames aplicados e corpo docente organizado para o ensino de suas cadeiras, além da luta, em âmbito federal, pelo reconhecimento dos diplomas. Posta a derrocada da faculdade privada de medicina, era preciso colocar na pauta todo o arsenal necessário para não macular a faculdade estatal nascente, e a elite médica paulista alegava ter todos os predicados para o intento, como atestavam a organização

¹⁵ *Leis e Regulamentos referentes à Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo*, São Paulo, Typ. do Diário Oficial, 1913, pp. 26-27.

¹⁶ Maria Gabriela S.M.C. MARINHO, *Elites em negociação: breve história dos acordos entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina de São Paulo: 1916-1931*, Bragança Paulista, CDAPH/Edusf, 2003, pp. 50-51.

sanitária do Estado e o *staff* de profissionais aglutinados na capital e preparados para cunhar mais esse símbolo: uma formação médica dita originariamente paulista.

Diante dessas exigências estruturais, formalizadas para garantir que os cursos fossem ministrados dentro das linhas mestras propostas por cada lente, a direção da Faculdade tinha a preocupação de procurar docentes competentes para estabelecer e viabilizar as propostas de seus programas. No momento da formação dessa escola, os professores escolhidos representavam um dos grandes obstáculos a transpor, não só pelas dificuldades de sua formação, mas também pelas pressões políticas que sobreviriam em consequência de sua indicação¹⁷.

A forma da escolha refletia bem as condições em que o dr. Arnaldo assumia a direção da Faculdade – as nomeações eram de sua responsabilidade direta. Assim, o poder de sua caneta era criticado pela falta de concursos, que fazia com que os docentes designados permanecessem sob seu controle. Essa tarefa era para um nome indiscutível não só na esfera médica e científica, como na ordem administrativa e política do Estado. Nenhum outro seria tão modelar – suas incursões para imprimir constância e consistência ao curso apoiavam-se em sua biografia e em sua trajetória profissional¹⁸.

O corpo docente compunha-se principalmente de nomes da Santa Casa de Misericórdia, da Sociedade de Medicina e Cirurgia e de universidades estrangeiras. Procuravam-se médicos e cientistas de produção reconhecida, capazes de ampliar todas as aptidões da primeira elite médica de Piratininga, mesmo que nem todos os escolhidos e nomeados pudessem assumir imediatamente a cadeira. Os dois primeiros nomes vindos do exterior, os doutores Alfonso Bovero e Lambert Mayer, tiveram problemas ao chegar da Europa, devido à I Guerra Mundial, e só assumiriam seus cursos em meados de abril. Em 5 de agosto, também em virtude da Guerra, os

¹⁷ André MOTA, *Tropeços da medicina bandeirante: medicina paulista 1892-1920*, São Paulo, Edusp, 2005.

¹⁸ Nadai defende essa ideia, ao relacionar o Dr. Arnaldo – por seu histórico e por sua produção científica, jornalística e política –, à facilidade na arrecadação para a formação e o desenvolvimento da Faculdade: «considerado homem de forte personalidade, de segura ilustração, não vinculado à Universidade de São Paulo particular, o poder público nele encontrou a pessoa indicada para levar adiante seu projeto de escola médica. Desfrutando de grande prestígio junto à classe médica, junto ao poder com o conagraçamento do PRP e à consequente recondução do grupo dos Mesquita ao situacionismo, não teve dificuldades em amealhar para a recém-fundada instituição os melhores recursos de que pôde dispor» (Elza NADAI, *Ideologia do progresso e ensino superior*, cit., pp. 279-280).

professores Emílio Brumpt e Lambert Mayer voltaram para seu país:

(...) com a criação da Faculdade e a vinda de Alfonso Bovero para montar a cadeira de anatomia, de Alessandro Donati para organizar a de Patologia Geral e com Antonio Carini assumindo a cadeira de Microbiologia e Imunologia, constituiu-se um núcleo de professores que, aliados em pouco tempo aos pesquisadores e aos médicos do Umberto I, criam a mais importante associação médica de caráter étnico. Essa associação desenvolve a medicina em São Paulo, cria a revista *Ars Medica*, o maior veículo de divulgação médica, e organiza cursos e conferências internacionais dos mais significativos¹⁹.

Dentre os prestigiados professores estrangeiros que chegavam, inclusive italianos, não havia dúvidas de que Alfonso Bovero, na condição de professor mais proeminente do grupo, deveria representar a mais alta expressão da credibilidade a ser dada ao curso. Em seu contrato de trabalho, assinado em 8 de maio de 1914, havia disposições claras quanto a sua estada em São Paulo e às condições da execução das seguintes atividades:

I- o contracto vigorará por dois (2) anos, a começar de 1º de março. II- o Governo pagará de honorários anuais, no Tesouro do Estado trinta mil (30.000) francos ouro em mensalidade de dois mil e quinhentos francos (frcs. 2.500,00). III- O Governo indenizará o professor por despesas de vinda e volta duas (2) passagens de 1ª Classe, de Torino a São Paulo e vice-versa. IV- O professor se obriga a observar o Regulamento e o Regimento interno da Faculdade bem como o horário de suas preleções. V- As condições do presente contracto referem-se aos encargos habituais de professor catedrático, isto é, as aulas propriamente ditas, cujo número será regulado de acordo com as necessidades da Faculdade, sem exceder ao total anual de oitenta (80) lições de uma hora cada uma. Todo o serviço suplementar que for exigido pela Faculdade será objeto de convenções novas. VI- Qualquer questão a que der lugar a interpretação deste contracto será decidida nos Tribunais brasileiros. Aceitas como o foram pelo Sr. Secretário estas declarações do Sr. Dr. Alfonso Bovero, lavrou-se o presente contracto, que vai assinado pelas partes e testemunhas depois de lido e achado conforme²⁰.

Mas é importante registrar que Bovero não viria sozinho ao Brasil. Segundo estudo de Mott et al. sobre o registro de médicos e médicas

¹⁹ Maria do Rosário Rolfsen SALLES, *Médicos italianos em São Paulo*, cit., p. 130.

²⁰ Termo de Contracto que fazem o Governo do Estado de São Paulo e o Sr. Dr. Alfonso Bovero, 18 mai. 1914, p. 1.

nas primeiras décadas do século XX²¹, dentre os 301 estrangeiros que pediram reconhecimento de seu diploma, 197 eram italianos, dos quais 65% provinham de cidades do sul da Itália e eram formados pela Universidade de Nápoles. E uma única médica vinha da Itália, diplomada pela Universidade de Turim:

As duas primeiras médicas que conseguiram romper as barreiras de acesso ao masculino e prestigiado campo da medicina em São Paulo eram estrangeiras e formadas no exterior: a belga Maria Rennotte e a italiana Olga Caporali. Maria [Mariam] Rennotte formou-se pelo Woman's Medical College of Pennsylvania em 1892, fez viagens de estudos pela Europa. De volta ao Brasil, começou a clinicar, revalidou o diploma na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, registrando-se em 1895. Somente vinte anos depois, em 1915, Olga Caporali, italiana, formada em 1911 pela Universidade de Turim, requereu autorização para o exercício profissional²².

O governo do estado de São Paulo atribuiu à Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (FMCSF) o exame de diplomas e trabalhos de médicos estrangeiros no sentido de permitir que esses médicos pudessem clinicar. Segundo consta em Ata de Congregação da Faculdade, três médicos vindos da Itália se inscreveram para o exame: Mario Gatti, formado pela Real Universidade de Nápoles, Giovanni Bellotti, pela Real Universidade de Siena, e uma médica, que assinava um sobrenome a mais que no Registro do Governo do Estado – Olga Caporali *Bovero* –, formada pela Escola Médica de Turim e que, pela data da diplomação, 1911, teria sido então aluna de Alfonso Bovero. Segundo a comissão nomeada, Olga Caporali Bovero, apresentou a seguinte documentação:

Certidão de nascimento, original e tradução; diploma de láurea, original; certidão de láurea, original; nomeação para "assistente voluntária" no Laboratório de Psicologia Experimental de Bologna, original e tradução; certidão do prof. Sante de Santis, diretor do Laboratório de Psicologia Experimental de Roma, original e tradução²³.

²¹ Maria Lucia MOTT *et al.*, "Médicos e médicas em São Paulo nos livros registro do Serviço de Fiscalização do Exercício Profissional, 1892-1932", in *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, n. 3, v. 13, 2008, pp. 853-868.

²² *Ibi*, p. 860.

²³ Ata de Sessão de Congregação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, 31 mai, 1915, p. 15.

Além disso, ela apresentou uma série de trabalhos científicos escritos²⁴, concluindo a mesma comissão que, «depois do estudo dos documentos e trabalhos científicos apresentados, somos de parecer que constituem eles provas bastantes de habilitação da sra. Olga Caporali Bovero»²⁵.

As narrativas estudantis "íalo-belenzínicas" do prof. Alfonso Bovero

(...) quando o simpático e delicado porteiro português exerce a sua solene função, a turma, como uma horda de búfalos, investe pela Faculdade adentro. Cada qual quer ser o primeiro a ser visto pelo velho lente, que, como é público e notório, costuma pernoitar no Laboratório de Anatomia...

Aos poucos, aumenta o número de vítimas e, às sete e meia, o anfiteatro já oferece um belíssimo aspecto, ocupado que está por tantos vultos de avental branco, todos prontos a dar a primeira badalada. Na lista do Drumond, faltam apenas quatro incorrigíveis retardatários, o Garcia, o Pimenta, o Borborema e o Machado. O silêncio é sepulcral, pois que Morfeu ainda não recolheu de todo as suas asas de sobre aquele vasto grupo de esforçados.

Dez minutos para as oito.

Depois das clássicas batidinhas na porta, entra pelo recinto o velho mestre, com passo forte e elástico. Seguem-no os seus sequases.

Começa a aula.

"– Mios pintigno! Nóis vámu vê oggi aa gostituiçó daa péle..." E nesse teor prossegue o dileto filho da península itálica, no seu interessante linguajar íalo-belenzínico.

²⁴ Nomeadamente: (a) "Um audimuto educato – Contributo alla conoscenza dell' audimutismo", in *Contributi Psicologici del Laboratorio di Psicologia Sperimentale*, v. I, Roma, 1910-1911; (b) "I Medici pedagogisti. A proposito di un caso accelerato per i medici scolastici del comune di Roma", in *Rivista Ospedaliera – sezione scientifica*, 1912 [em colaboração com o dr. Fantini]; (c) "Medicina scolastica – II caso di preparazione per i medici scolastici in Roma", in *Rivista Ospedaliera – sezione scientifica*, n. 9, 1900 [em colaboração com o dr. Fantini]; (d) "Relazione sul II convegno della Società Italiana di Psicologia", in *Rivista di Psicologia*, anno IX, n. 3, 1913; (e) *Studio sperimentale sulle Associazione nei Frenastenici e negli Epileptici*, Catania, 1913 [volume publicado em homenagem ao prof. L. Bianchi]; (f) "L'educazioni dei fancireli psicopatici", in *Fanfulla*, 6 luglio 1914 [conferência proferida em São Paulo, a convite da Sociedade Dante Alighieri]; (g) "Algumas pesquisas sobre o tempo de reacção simples nos epiléticos", in *Gazeta Clínica*, 1914; (h) "Alguns novos signaes de hemiplegia orgânica: observações clinicas", in *Annaes de Medicina e Cirurgia de São Paulo*, ano 2, n. 5, v. III, 1914; (i) "A medicina escolar", in *Archivos Brasileiros de Medicina*, ano IV, n. 9-10, 1914.

²⁵ Ata de Sessão de Congregação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, 31 mai. 1915, p. 15.

O aspecto do auditório é edificante. Na primeira fila, a orquestra "Anis e seus rapazes", não perde nenhuma vírgula. De lápis em punho, anotam eles tudo o que o lente diz e até o que ele não diz, mas pensa. O técnico, na ponta da fila, esforça-se bastante para parecer que presta atenção. Na segunda fila, reina o mesmo entusiasmo moço e badálico. Distinguimos lá o formoso Oriente (como sempre, bem penteado), o esguio e esbelto Pimentel, o hiper-esforçado piracicabano Milton e o romântico Tarcizo, cujos cognomes não podem ser publicados num jornal familiar como este. Na terceira fila, já não se nota o mesmo. Lá têm assento os que não lograram erguer-se do leito antes das cinco da manhã. Alguns deles ainda prestam relativa atenção. Outros, cujos nomes não quero declinar para evitar futuros dissabores, devaneiam, reproduzem em caricaturas a figura altamente fotogênica do mestre, ou leem romances. No centro, junto à lanterna de projeção, Odorico, o jovem, segue com olhar ansioso o lente, a fim de, quando este der uma leve pancadinha com o seu tradicional bambu, projetar imediatamente as mais escabrosas e inconvenientes gravuras que encontrou no Testut ou no Chiaruggi. Nas filas superiores, o quadro é desolador. A totalidade dos alunos, mergulhada em profundíssimo sono letárgico, está completamente alheia ao que se passa. Sonham com o bilhar, com o pingue-pongue, com o xadrez, com tudo, menos com a aula de anatomia. Um leve sorriso aflora inconscientemente em seus lábios entreabertos, como indício de mais intensa felicidade. Subitamente, oh cruel despertar! Retine a companhia com todo o vigor que lhe imprime a mágica chavinha do Drumond. São nove horas. E o professor Bovero, maldoso e calmo:

"– Us Signori mi dó maise cinque minutti che io término..."

A aula se prolonga...

A nossa única representante do sexo fraco fita com desespero o esqueleto de sua congênere Maria Rosa, que balança incessantemente, impelido pelas suaves pancadas e pauladas que o velho mestre não se cansa de lhe administrar.

Lá fora, ouve-se o tropel de mortais mais felizes do que nós, que passam gargalhando e cantando:

– Riiide, palhaço! Passa "Untissal" no braço!

E nós cá dentro, suando ansiosos, estamos presos às tétricas cadeiras do Anfiteatro...

Finalmente, um suspiro de alívio escapa de todos os corações amargurados. O respeitável lente, depois de apagar cuidadosamente todos os seus desenhos da pedra com uma toalha que originariamente deveria servir para enxugar as mãos, resolve-se a terminar de fato:

"– Bé, cómo acabó aa matéria de oggi, nós parámo aqui. Ma amagná té maise!"

E sai da sala.

E os que não estão grudados às suas cadeiras, pela ação do tempo ou por fenômenos mecânicos-fisiológicos, saem cambaleando pelo corredor a fora, contentes, apesar da última ameaça do mestre, pois têm agora um ou dois minutos de descanso antes de irem para o trágico complemento matutino, que é a aula prática²⁶.

Alfonso Bovero foi um dos lentes marcantes nas páginas do jornal estudantil *O bisturi*, criado em 1930. Foram alvo de anedotas suas aulas e seus embates com o alunado, retendo-se essencialmente uma criação transitória de sua imagem, traduzida pela rapidez das observações, mas reveladora, num plano mais amplo da linguagem ítalo-paulista, em que o provincianismo local, a imigração e o cosmopolitismo agressivo que davam conotações próprias a esse personagem. Conhecido por sua severidade e pela relação paternal com o alunado, o certo é que sua figura divertia alunos e professores que tinham acesso às narrativas de seu cotidiano na Faculdade.

A julgar por essas narrativas, a presença do professor Bovero na vida estudantil foi marcante; elas dão conta de um professor imerso na vida institucional e de tal forma aferrado à Faculdade, que sua figura poderia ser considerada, depois de Arnaldo Vieira de Carvalho, a mais representativa e singular:

(...) mau grado o ar autoritário, o aspecto quase rebarbativo de que se reveste, não consegue ele ocultar a imensa bondade, a grande admiração pela mocidade barulhenta, que diariamente ocorre a suas aulas e laboratórios. As preleções teóricas são longas, a permanência obrigatória, junto aos cadáveres, fastidiosa. Embora, tudo é compensado nos exames, quer nos escritos, pela escolha dos pontos ao alcance de toda a turma, quer nos orais, pelo interrogatório claro, conciso, encorajador²⁷.

Certa ocasião, o professor Bovero perguntou a um aluno, em seu famoso «exame oral»:

– ‘Quais as relações da face anterior do fígado?’ O aluno, desconhecendo-as, mal balbuciava timidamente algumas palavras:
– ‘Pele, tela subcutânea, peritônio...’ Ao que o mestre redarguiu, com seu sotaque: – ‘Tcherola, calça, cinta...’²⁸.

²⁶ “Anatômica”, in *O bisturi*, 1932, p.4.

²⁷ “Uma data... uma homenagem”, in *O bisturi*, ano II, n. 7, 1934, Editorial, p. 1.

²⁸ Duílio Crispin FARINA, “Arnaldo Vieira de Carvalho, a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz”, in *Revista de Medicina*, 1973, p. 257.

Noutra prova oral, um aluno não sabia responder a primeira pergunta, mas sabia dissertar muito sobre a segunda, o que fez sem parar de falar. Nesse ponto, o professor Bovero sentenciou: «– O senhor é como cego, um tostão para cantar e duzentos réis para calar a boca...»²⁹.

Em outra situação, ao sortear o ponto de exame de uma aluna, que apresentava seios exuberantes e como o ponto sorteado fosse «mamas», o professor lhe atalhou: – «Moça, é melhor esconder a cola...»³⁰. A outra aluna, ele perguntou: – «Qual o órgão que, em condições fisiológicas, aumenta quarenta vezes?» Ela corou, hesitou e disse «o pênis». E ele sentenciou: – «Perca as esperanças!»³¹. Finalmente, diante da aridez dos ensinamentos de anatomia, após um interrogatório prolongado, que demonstrou desconhecimento profundo do aluno, Bovero lhe perguntou: – «O senhor me jura que, depois de formado, não se fará cirurgião?». Pasmado o rapaz, atalhou Bovero: – «Bem, se me jura, eu lhe aprovo!»³².

Essa linguagem muito específica que permeava o cotidiano de São Paulo nas primeiras décadas do século XX, uma estética de transição envolvendo a chegada dos imigrantes italianos e sua imersão na cidade, ficou conhecida como “macarrônica”:

(...) o recurso ao humor verbal macarrônico difusamente espelhava a própria imagem errática, irregular e caótica da urbanização paulista na década inicial do século, e os procedimentos desse humor nunca chegaram a existir como um cânone ou um conjunto mais definido. Mas inúmeros exemplos das fontes nos mostram que o macarronismo cômico ocorria nos três planos da criação humorística: linguístico, estético e temático (...) [essa linguagem que] reproduz tanto as palavras italianas de uso mais frequente como as da língua portuguesa: “italianiza” não apenas as gírias mas também as construções³³.

Há ainda um dado importante para a compreensão dessa

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ Duílio Crispin FARINA, *Memórias e tradições da Casa de Arnaldo: páginas esparsas de saudade e respeito, 1913-1948*, São Paulo, 1972. p. 289 (mimeo).

³¹ Ruy Escorel FERREIRA-SANTOS, *Memórias: um cirurgião operando a própria vida*, Ribeirão Preto, Funpec, 2002, p. 130.

³² “Uma data... uma homenagem”, cit., p. 4.

³³ Elias Thomé SALIBA, *Raízes do riso. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002, p. 179.

linguagem tão peculiar. Nesses registros jornalísticos, ela se dava a partir de uma

autoria de textos atribuída a personagens de origem não nacional, que simbolizavam os grupos e nacionalidades a que pertenciam e que conviviam no país em que por circunstâncias distintas haviam se instalado³⁴.

Nessa perspectiva, é interessante notar que a Faculdade de Medicina, lugar da produção da ciência e dos laboratórios trazidos pela Rockefeller, ficou à margem da captura dessa linguagem, que, no entanto, estava vivamente representada no jornal estudantil em tela, mais precisamente na figura de Bovero, que merecia as atenções e anedotas do alunado.

Se, em revistas e jornais, o símbolo do linguajar macarrônico era a figura de Juó Bananére, na Faculdade de Medicina ele foi substituído por Alfonso Bovero, conhecido por "o Urso Branco", esse "expoente" do "italo-paulistano", que nunca negou seu "desconhecimento" do português, principalmente quando um aluno ignorava a forma correta de uma palavra ou expressão: «Que o professor Bovero, que não conhece o português, diga tal coisa, vá! Mas o senhor, um brasileiro (...)»³⁵, dizia ele em suas provas orais.

Sobre a linguagem macarrônica, cabe lembrar que, «para os italianos, a matriz sintática privilegiada é a da linguagem falada cotidiana»³⁶. Exemplarmente, no artigo "Força de hábito", há uma bem-humorada referência ao "italo-belenzínico"³⁷ do professor Bovero, no episódio em que um aluno do 1º ano entrou apressadamente no anfiteatro:

o velho professor, ao ver aquele rosto de contumaz retardatário, não se conteve: «Má u sinhore pensa qui isto aqui é mercado de peixe, até na conferenza me entra atrasado. Ma basta de abuso, bagaio!»³⁸.

³⁴ Carlos Eduardo S. CAPELA, *Juó Bananére: irrisor, irrisório*, São Paulo, Edusp/Nankin, 2009, p. 122.

³⁵ "Uma data... uma homenagem", cit., p. 3.

³⁶ Carlos Eduardo S. CAPELA, *Juó Bananére*, cit., p. 10.

³⁷ Expressão designativa da linguagem macarrônica criada pelo cronista Alexandre Marcondes Machado, o Juó Bananére, na década de 1920 (Elias Thomé SALIBA, *Raízes do riso*, cit., p. 171).

³⁸ "Força de hábito", in *O bisturi*, ano IV, n. 16, 8 ago. 1936, p. 4.

E la nave va... um professor que deixou saudades

Dentre a documentação relativa aos derradeiros momentos de Bovero, há uma carta enviada a um amigo, datada de 17 de outubro de 1936, em que ele registra as suas últimas atividades na faculdade de Medicina e prevê sua volta no ano seguinte:

Meu caríssimo amigo Burzio.

Terminei ontem o meu curso: ao menos, ontem fiz a minha última aula (140^a) desse ano e, com exceção de um par de manhãs para exames práticos, que assisto, e das 81 provas escritas, que devo absorver, diria que estou de férias! Irei, dia 27, ao Guarujá, e lá ficarei até 2 de Novembro, com a intenção declarada de corrigir as provas, mas efetivamente para romper o mau hábito das duas visitas diárias ao Laboratório. E, tanto no Laboratório, como na Faculdade, de forma geral, todos me querem muito mal: uma vez que o próprio Diretor, a quem tinha como mais do que frio, glacial, declarou-me que "não quer me ver mais", "que devo partir o quanto antes, etc. etc." Assim, é bem possível que, ao invés de partir em 10 de Dezembro com o AUGUSTUS, eu parta em 20 de Novembro, com o "BIANCAMANO", caso eu consiga concluir algumas pequenas tarefas estritamente pessoais, entre elas a retirada da parte que me cabe dos DOIS embalsamamentos, um dos quais (o ZERRENNER) feito em Maio último. O mais importante é que passarei o Natal com as minhas senhorinhas, em Turim, ou em Pecetto! É questão de chegar nos primeiros dias de Dezembro, ou na antevéspera de Natal! É possível que nos encontremos em viagem, e gostaria de saber a data de sua partida com a Família. Se salvo a pele do frio de Turim, estarei de volta no começo de Março! No horizonte se perfila desde já o trabalho de preparação para o Congresso Internacional de Zoologia de 1939, que acontecerá no Brasil (Rio e S. Paulo), de cujo comitê organizador faço parte; e para tal Congresso comecei desde já a "puxar os fios", entre eles também "fios itálicos"!



Alfonso Bovero de partida para Itália se despedindo de Renato Locchi, 1936

Logo em janeiro, Bovero escreve a seu mais dileto aluno, Renato Locchi, de Turim, em 12 de janeiro de 1937:

Caríssimo Amigo e Colega Locchi.

Escrevo-lhe – rapidamente e mal – logo após ter-me levantado do leito: leito ao qual voltarei imediatamente em seguida e no qual me encontro (mal!) desde sexta-feira passada, devido a um ataque aborrecido de influenza; mesmo nesse instante, sei que estou com febre e sinto uma extrema fraqueza; eu já havia melhorado muito! Agora, ao contrário, reembarcarei dentro de três semanas, isto é, no dia 4 de fevereiro (...) ³⁹.

Em 9 de abril de 1937, morria Alfonso Bovero em Turim. Logo no dia seguinte, uma série de notas de pesar, de instituições nacionais e internacionais, chegaram à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Entre elas, destacamos a do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa, enviada ao diretor da Faculdade de

³⁹ Carta de Alfonso Bovero a Renato Locchi, Turim, 12 jan. 1937, Apud Liberato J.A. DI DIO, *Biografia do professor Renato Locchi*, Rio de Janeiro, Koogan, 1986, p. 15.

Medicina da USP:

Em nome da Sociedade Anatômica Luso-hispano-americana, da Sociedade Anatômica Portuguesa, as quais tenho a honra de presidir, do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa, o qual dirijo, em meu próprio nome, venho apresentar à Faculdade da distinta direção de V. Exa. e a V. Exa. a expressão de profundo sentimento pelo falecimento do Professor Alfonso Bovero: infelizmente, a morte desse professor, anatômico eminente e meu bom amigo acaba de me ser confirmada, e por isso me apresso a cumprir o doloroso dever da presente carta⁴⁰.

Caminhos inversos, histórias entrelaçadas: médicos paulistas em Turim, 1937

A necessidade de uma homenagem especial a Bovero foi ganhando corpo dentro da Faculdade de Medicina, que logo decidiu organizar uma caravana a Turim, formada por professores e alunos para homenagear o mestrw. Em carta dirigida em 15 de maio ao professor E. Bertarelli, em Turim, pelo diretor da FMUSP, João Aguiar Pupo, consta o seguinte pedido:

(...) aproveitando a situação especial do ilustre colega que tem se revelado um grande amigo desta Faculdade e do saudoso Prof. Bovero, tomo a liberdade de pedir a fineza de dois favores: 1º – providenciar com urgência para que uma fundição de Turim execute uma coroa de bronze com os seguintes dizeres: “A Alfonso Bovero, Mestre insigne e Amigo dileto, homenagem e gratidão dos Professores e Alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo”. (Esta coroa será depositada no túmulo do Prof. Bovero pela Delegação Médica da Universidade de São Paulo que segue em visita à Itália no próximo mês de junho, devendo estar em Turim em 8 de julho, mais ou menos). 2º – entender-se com o Reitor da Universidade de Turim, comunicando que a referida delegação leva uma mensagem da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo à Faculdade de Medicina da Universidade de Turim, testemunhando o grande pesar pelo falecimento do prof. Bovero, bem como o agradecimento à ciência italiana pela grande obra de ciência e formação intelectual da mocidade médica brasileira que adveio da vida científica do eminente professor no nosso país. Para

⁴⁰ Henrique Jardim VILHENA, *Carta do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina de Lisboa dirigida à diretoria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 12 mai. 1937.*

as despesas de execução da coroa de bronze o prof. Benedicto Montenegro levará em mãos a quantia de 2.500 libras para imediato pagamento⁴¹.

O jornal *A Gazeta*, através do aluno da Faculdade José Finocchiaro, narra a chegada da delegação da FMUSP à cidade de Pecetto Torinese, com o objetivo de prestar homenagem ao professor Bovero. Estavam presentes a senhora Olga Caporali Bovero, seu pai e suas filhas, o professor Sylvio Pivano, reitor da Universidade de Turim, os professores catedráticos de anatomia e fisiologia, autoridades locais e o Grupo Universitário Fascista. Descoberta a coroa de bronze, seu aluno e professor da Faculdade de Medicina Benedito Montenegro discursou aos presentes:

Sua morte repercutiu em nosso meio como uma calamidade: não teremos mais o prazer de ouvir-lhe as sábias lições ou de sentir a atração de sua amizade, mas sua imagem perdurará no coração dos que o amavam e seu espírito rondará eternamente, no laboratório que ele construiu, como um nome tutelar guiando os que o sucederem nas árduas funções do Professor de Anatomia, sem que nunca possam substituir, porque ele é insubstituível, é daqueles que continuam a viver em espírito, mesmo depois de morto o corpo. Repousai, querido mestre, em paz com Deus, neste vosso "natio borgo selvaggio", que tanto amastes!⁴².

Finalmente, o reitor da Universidade de Turim pronunciou algumas palavras e houve a saudação fascista, quando todos responderam «presente». Encerrando a cerimônia, os alunos entregaram pessoalmente à senhora Bovero uma placa em bronze do escultor Castiglione intitulada "Victória da Medicina".

Já em São Paulo, nesse mesmo ano, um grupo de ex-alunos:

(...) resolveu adquirir um retrato a óleo do pranteado professor, a fim de oferecê-lo à Faculdade, para ser colocado na galeria dos professores falecidos. O trabalho, cuja fotografia ilustra estas linhas, é de autoria do aluno do 4º ano médico, Alfredo Rocco, que foi aluno do prof. Bovero⁴³.

Nos 25 anos de seu falecimento, realizou-se uma sessão em sua

⁴¹ João Aguiar PUPO, *Carta dirigida a E. Bertarelli*, 15 mai. 1937.

⁴² José FINOCCHIARO, "Commemorando o terceiro mez da morte do professor Bovero", *A Gazeta*, São Paulo, 19 jul. 1937, s/p.

⁴³ *A Gazeta*, 28 jul. 1937, p. 1.

homenagem na Faculdade, mas foi no centenário de seu nascimento, em 1971, que essa instituição, a Sociedade Paulista de História da Medicina e o Departamento de Anatomia convidaram a comunidade acadêmica a participar das comemorações. Em seu discurso, o professor Alípio Correa Netto assim lembrou de uma série de médicos e professores formados por Bovero⁴⁴ e que teriam levado à frente sua escola, que passaria a ser cognominada boveriana:

Muitos de seus discípulos, educados em exigente disciplina ética e cultural, passaram a ocupar outros setores da Faculdade, para lá carreando a grandeza dos ensinamentos auridos, o rigor dos métodos de trabalho e a nobreza da ação incansável. Citemos o professor Benedito Montenegro, que passou para a Técnica Operatória e a Clínica Cirúrgica, onde honrou a sabedoria do mestre. Luciano Gualberto veio a ter a Clínica Urológica. Eles foram impregnando a nossa Faculdade com o método boveriano de fazer ciência. Ciência pura e do melhor quilate. À medida que sazonavam os frutos dessa seara de trabalho silencioso e extenuante, outros discípulos incumbiram-se de alargar os horizontes da escola em outras Faculdades. João Moreira da Rocha tornou-se Titular de Anatomia da Escola Paulista de Medicina. Max de Barros Erhart conquistou a Cátedra da Faculdade de Medicina Veterinária. Di Dio tornou-se mestre da mesma matéria da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte (...) quando a morte o arrebatou naquelas férias infaustas em 1937, já havia consolidado a sua imensa obra. Sem maiores esforços, substitui-o na Cátedra Renato Locchi. Seguiu-o Odorico Machado de Souza⁴⁵.

Nesse dia de homenagens da FMUSP, foi entregue aos presentes um trecho de discurso proferido por Alfonso Bovero quando foi homenageado pela Faculdade, em 1932:

(...) na minha mente, os meus livros, que são a minha única riqueza material, os meus alunos, os meus colaboradores imediatos, que considero como uma parte da minha família, se enquadram para mim, euforicamente, num oásis de paz fecunda, onde realmente gozo da vida, bendizendo-a como que numa prece. E quando me é dado ver transcritos em monografias, ou, mais ainda em tratados

⁴⁴ Patricia TAVANO, *Onde a morte se compraz em auxiliar a vida: a trajetória da disciplina de Anatomia Humana no currículo médico da primeira faculdade oficial de medicina de São Paulo – o período Renato Locchi 1937-1955*, Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2011.

⁴⁵ Alípio CORRÊA NETO, "Discurso da Sessão Solene da Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo", 26 nov. 1971, pp. 1-2.

moderníssimos de qualquer nacionalidade, especialmente os resultados do árduo trabalho de alunos e assistentes meus, mais ainda que de trabalhos que levam meu nome só, então acho a vida realmente bela, sendo grande o prêmio às longas vigílias, à séria fadiga comum; e sinto também o orgulho de poder corresponder e fazer corresponder, ao menos em parte, a confiança que Governo, colegas e discípulos, a coletividade numa palavra, possam haver depositado em nós⁴⁶.

Bibliografia

- BERTONHA João Fábio, *Italianos*, São Paulo, Contexto, 2008.
- BORGES Vavy Pacheco, "O 'eu' e o 'outro' na relação biográfica: algumas reflexões", in Márcia NAXARA - Izabel MARSON - Marion BREPOHL (orgs.), *Figurações do outro na história*, Uberlândia, Edufu, 2009, pp. 225-240.
- CAPELA Carlos Eduardo S., *Juó Bananére: irrisor, irrisório*, São Paulo, Edusp/Nankin, 2009.
- DI DIO Liberato J. A., "La scuola anatomica di Alfonso Bovero", conferenza fatta al *38º Convegno Nazionale della Società Italiana di Anatomia*, Roma, 1982, pp. 1-23.
- DOSSE François, *O desafio biográfico: escrever uma vida*, trad. Gilson C.C. SOUZA, São Paulo, Edusp, 2009.
- FARINA Duílio Crispin, "Arnaldo Vieira de Carvalho, a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz", in *Revista de Medicina*, 1973, pp. 246-259.
- FARINA Duílio Crispin, *Memórias e tradições da Casa de Arnaldo: páginas esparsas de saudade e respeito, 1913-1948*, pp. 289-479.
- FERREIRA-SANTOS Ruy Escorel, *Memórias: um cirurgião operando a própria vida*, Ribeirão Preto, Funpec, 2002.
- GINZBURG Carlo, *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*, (trad. Federico Carotti), São Paulo, Companhia das Letras, 1989².
- LACAZ Carlos da Silva, *Médicos italianos em São Paulo: trajetória em busca de uma nova pátria*, São Paulo, Aquarela, 1989.
- MARINHO Maria Gabriela S.M.C., *Elites em negociação: breve história dos acordos entre a Fundação Rockefeller e a Faculdade de Medicina de São Paulo: 1916-1931*, Bragança Paulista, CDAPH/Edusf, 2003.

⁴⁶ Alfonso BOVERO, "Trechos do discurso pronunciado por ocasião da homenagem que lhe foi prestada pela Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina de São Paulo", 14 fev. 1932.

- MONTANELLI Indro, *L'Italia del Risorgimento 1831-1861*, Milano, BUR, 2004⁹.
- MOTA André, *Tropeços da medicina bandeirante: medicina paulista 1892-1920*, São Paulo, Edusp, 2005.
- MOTT Maria Lucia *et al.*, "Médicos e médicas em São Paulo nos livros registro do Serviço de Fiscalização do Exercício Profissional, 1892-1932", in *Ciência e Saúde Coletiva*, n. 3, v. 13, 2008, pp. 853-868.
- NADAI Elza, *Ideologia do progresso e ensino superior: São Paulo 1891-1934*, São Paulo, Loyola, 1987.
- SALIBA Elias Thomé, *Raízes do riso. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002.
- SALLES Maria do Rosário Rolfsen, *Médicos italianos em São Paulo*, São Paulo, Sumaré/Fapesp, 1997.
- TAVANO Patrícia, *Onde a morte se compraz em auxiliar a vida: a trajetória da disciplina de Anatomia Humana no currículo médico da primeira faculdade oficial de medicina de São Paulo – o período Renato Locchi 1937-1955*, Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

